



Editorial

É irresistível não fazer um jogo de palavras com o título de nosso boletim - DOBRADIÇA. Pensei no português "dobra" e no francês de "dit" e "ça". O "dobra" mantém a proposta de Lacan da articulação, mas evoca também, em nossa língua, o fazer força, quebrar defesas. Estas estão sempre presentes quando se fala em cartéis, desde a defesa pela via do saber, que muitas vezes aparece depositada no mais-um, como a dificuldade na constituição de cartéis.

Pela atualização desse mês, nossos números são animadores: 74 cartéis inscritos com a participação de 370 pessoas. Temos nacionalmente uma convocatória de pelo menos 1000 pessoas em Encontros Brasileiros, o que nos faz pensar que a maioria não faz nenhum cartel. Isto não ocorre só conosco, está presente em todas as Escolas da AMP, em maior ou menor intensidade. Como pensar este fenômeno?

Aí entra o "dit" e o "ça". Será difícil falar disso?

A psicanálise tem uma forma de transmissão peculiar: a transmissão circula, não tem um vetor único; mais ainda, depende que cada um coloque a sua letra, inscreva nela seu sintoma ou, como diz Miller, não lembro onde, que cada um pense a psicanálise por si mesmo.

Pensar o cartel é pensar a Escola.

Dobra-di-ça.

Vamos nessa?

Ondina Machado

Giro do Cartel na AMP

Temos a intenção de apresentar, nesta Rubrica do Dobradiça, a atualidade da experiência de cartéis nas Escolas da AMP. Considerando que o Cartel é o órgão de base no trabalho de formação dos analistas na Escola de Lacan, interessa-nos este intercâmbio acerca dos efeitos, impasses e particularidades da atividade de cartéis em cada Escola.

Neste número, apresentamos as respostas enviadas pelos colegas Carlo Viganó, responsável em nível nacional pela atividade de cartéis na Scuola Lacaniana di Psicoanalisi (SLP), e de Mayra de Hanze, responsável pelos cartéis na Nueva Escuela Lacaniana (NEL) à seguinte questão: *Quais seriam os pontos críticos da atividade de cartéis na sua Escola, hoje?*

Cartéis: pontos críticos

1. Resistência à formalização da inscrição (tema de interesse pessoal e do cartel, rubrica, duração etc.) no Catálogo por parte dos grupos espontâneos de leitura e estudo (Instituto).
2. Não realização de Jornada Intercartéis (necessária para colocação a céu aberto do produto e para a comparação)
3. O Mais-um frequentemente aplica um método universitário (aquisição de saber "único", escolástico). A leitura como ato, onde cada um tenta reescrever o texto nos pontos que lhe parecem opacos, deve ainda ser desenvolvida através dos Mais-uns.
4. A competitividade com respeito ao saber tende a prevalecer sobre o prazer e o conforto de escutar o trabalho de outros sem avaliação quantitativa.
5. Os cartéis, como a Escola em geral, tendem a sentir-se num nível superior, algo para iniciados, e não como um furo a escavar-se no saber escolástico. A garantia profissional vem projetada sobre o saber.

Neste ano, iremos aos alunos dos Institutos e às sedes de trabalho institucional para propor a

formação de cartéis. Apontaremos as vantagens da leitura como formação na prática lacaniana, deixando que cada um descubra o verdadeiro desejo de Escola.

Carlo Viganó
SLP - Scuola Lacaniana di Psicoanalisi

O cartel na NEL

A primeira grande experiência foi criar uma Comissão de Cartéis em nível regional, por parte do Comitê Executivo da NEL, Comissão esta que funciona como um cartel.

Então, se por um lado a atividade administrativa nos permitiu localizar a existência de cartéis nas Sedes, Delegações e Grupos, nossa tarefa é passar da constatação de que “o cartel vive” às distintas modalidades de “como vive o cartel na nossa Escola?” E, ao mesmo tempo, “como a Escola vive o cartel?”. A primeira resposta nos leva a buscar formas por meio das quais o cartel possa expressar-se, transmitir os momentos de elaboração, as entregas em etapas de um trabalho em curso, assim como a publicação de textos concluídos. Por essa razão, nos próximos dias, será publicado um boletim que recolhe os modos de produção dos cartelizantes.

É motivo de interesse encontrar uma articulação entre os trabalhos realizados no cartel e as temáticas levantadas nos Congressos, Encontros e Jornadas para, deste modo, reestabelecer o cartel como o dispositivo de entrada na Escola em cujo horizonte está a transmissão de saber através da transferência de trabalho.

Estamos sensíveis a reconsiderar as ameaças ao órgão de base, isto é, não fazer do cartel uma instância que redobre o saber universitário, uma episteme que não bordeje um vazio e, sim, o suture.

Consideramos que o cartel é na Escola um dispositivo de máxima heterogeneidade e também o referente onde o cálculo coletivo aposta contra o ineliminável da psicologia das massas e a favor de uma lógica coletiva que faça avançar a psicanálise.

As formas que Lacan propõe para a organização dos analistas tomam como referência a distinção que deveria ser feita entre o laço coletivo, estruturalmente situado em relação a um ideal que satura a falta, e a lógica coletiva que se situa em relação à falta no Outro, que indica o furo no saber.

As formas que ele propõe para a organização dos analistas segue esta referência, situando-se nesse fino fio tensionado entre o que entra no laço social e o que não é coletivizável de cada um. O cartel como sede do trabalho da Escola está nesse fio, tanto quanto o passe¹.

¹Jacques Allain Miller. El cartel en el mundo, *Revista Cursor*, Barcelona, abril 1995.

Mayra de Hanze
NEL - Nueva Escuela Lacaniana

Textos de Orientação

Neste momento do lançamento do Boletim dos Cartéis da EBP, indicamos para leitura - como uma referência fundamental e orientadora da função do cartel nas Escolas do Campo Freudiano - o texto de Jacques-Alain Miller “Novas reflexões sobre o cartel”, publicado pela Seção Minas da EBP no *Manual de cartéis*¹.

Trata-se de um texto que elucida a importância do dispositivo do cartel na formação de um psicanalista, como “o meio para executar o trabalho na Escola”. Para tanto, Miller vai partir do que ele verificava na ocasião como “uma certa falta de entusiasmo pelo cartel” nas Escolas, remetendo o leitor às origens da criação deste dispositivo, momento mesmo em que Lacan cria sua primeira Escola. Vocês encontrarão uma reflexão política que incide nas formações dos grupos e constituição de suas lideranças: o trabalho da Escola, em relação à sua verdade, é sustentado pelo princípio de uma elaboração no cartel. Vale a pena o leitor dedicar-se a este texto para tentar responder à suposição de Miller: o cartel é congruente ao conceito de Escola e, juntamente com o passe, permite reconduzir à práxis original instituída por Freud.

Encontra-se com clareza como discernir o lugar e a função do Mais-Um neste dispositivo: a riqueza destes reside na liderança modesta daquele que os ocupa e de sua responsabilidade nas discussões e encaminhamento ao trabalho de cada participante do cartel.

O texto de Miller desdobra-se em várias questões atuais, e o *Dobradiça* nos convida a revisitá-lo,

assim como “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”, texto do mesmo autor que se encontra também publicado no *Manual de Cartéis* e no livro organizado por Stella Jimenez e publicado em 1994: *O cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan*. Pois, o encontro ou re-encontro com estes textos, além de orientar-nos pode permitir-nos - com entusiasmo -, “compreender o novo reaquecendo o antigo”².

Cristiana Pittella de Mattos

¹ *Manual de Cartéis*, EBP-MG, Ed. Scriptum, 2010.

² Confúncio, *Conversas II, III*, citado por J.-A. Miller, p. 32, *Manual de Cartéis*, op. cit.

Jimenez, S. *O cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1994.

4+1 = EBP em cartéis

A destituição subjetiva na Atualidade do Mais-um

Blanca Musachi

Quando fui convidada para ser Mais-um de um cartel sobre o tema “atualidade do Mais-um”, estava no exercício da Diretoria de Cartéis da EBP-SP - a proposta me encontrou mergulhada em leituras sobre o real do grupo, o coletivo, o laço social na Escola, a importância dos possíveis efeitos de formação no cartel.

Ainda, tratava-se de uma excelente oportunidade de trabalho de Escola com pessoas de outro estado, uma vez que este cartel reúne colegas da Delegação Paraná da EBP - apesar da distância e de não saber se daria certo uma experiência na maior parte do tempo via internet, fui provocada imediatamente a trabalhar.

O tema, em princípio, referia-se à atualidade do Mais-um na época do delírio generalizado, tendo-se como ponto de partida o texto “A invenção do delírio” de Jaques-Alain Miller¹. De início, formulei a seguinte questão: “delírio-destituição subjetiva”, em consonância com o trabalho no âmbito da Diretoria de Cartéis EBP-SP sobre o *Guerreiro aplicado* de Jean Paulhan, e o tema do XVIII Encontro do Campo Freudiano, realizado em 2010, sobre o delírio generalizado.

A experiência como Mais-um de outro cartel serviu para advertir sobre o risco da associação livre - entendida como livre pensamento - que pode tomar conta do destino de um cartel se o Mais-um não se aplica a servir ao discurso analítico. Isso ocorre quando se dá livre curso aos “delírios” dos integrantes. Interessei, assim, pelo tema da destituição subjetiva em sua salubridade, colocada por Lacan em referência ao guerreiro aplicado.

Da leitura da Conferência de Miller de 1990, “El triunfo de Jacques Lacan”² destaco: “Não serei eu quem vencerá, senão o discurso ao qual sirvo”, frase que faz a distinção entre o eu e o discurso analítico, quando Lacan se situa como servidor, sendo o mestre o discurso.

Podemos formular a função do Mais-um de um cartel como estando a serviço do discurso analítico e trabalhar para ressitua-la como a do servidor de uma causa, a analítica, mais além do “delírio” dele e dos integrantes do cartel.

O “delírio” estaria do lado da associação livre, livre das consequências de um saber a ser produzido nessa estrutura inventada por Lacan para realizar um trabalho de Escola.

É importante destacar no texto dessa conferência de 1990 de Miller o termo “destituição subjetiva” como oposto a “instituição”.

No momento da fundação da sua Escola, segundo Miller, Lacan pensava em combater a instituição subjetiva do “eu”, sempre narcísico, através de uma solução precisa, do coletivo. Tratava-se de constituir uma Escola como grupo de grupos, um conjunto formado por elementos coletivos e não individuais; substituir o “Eu sou eu” por “sou elemento de um conjunto”. A entrada era como cartéis e não como pessoas, sendo, cada um, membro de um cartel. O tempo mudou essa modalidade de entrada, mas a importância de se situar na Escola como elemento de um conjunto, como um entre outros, continua a ser fundamental. O cartel permite a experiência onde se está sozinho em relação à causa analítica, mas com os outros; onde é possível avançar no saber, não sem os outros.

Esse primeiro esclarecimento sobre a “destituição subjetiva”, encontrado na leitura da citada conferência de Miller, serviu para mim como norte para pensar a função do Mais-um, que deve propiciar que os integrantes do pequeno grupo, o cartel, possam consentir ser o ponto de passagem dos significantes da psicanálise, para avançar na elaboração de um saber novo. A

função do Mais-um poderá provocar o trabalho dos participantes do cartel se ele mesmo está a serviço do discurso analítico, situando um trabalho próprio, interessado em saber, em posição de analisante em relação ao saber dos textos. Dessa forma, permanece distante do risco de se situar como mestre, identificado ao SsS, posição que define a ênfase. Sabemos das consequências de inibição e mortificação da tarefa a ser realizada quando o Mais-um não consegue identificar e se situar em relação a esses semblantes.

Muitas e ricas discussões foram possíveis com intercâmbios de referências e diferentes pontos de vista neste cartel.

No momento, depois de ler o texto do AE Bernard Seneyave “Guerreiro aplicado e destituição subjetiva”³, pretendo avançar sobre um ponto situado pelo autor quando se refere ao Discurso à EFP de J. Lacan: “Aquilo de que se trata é de fazer com que se entenda que não é ela [a destituição subjetiva] que faz 'des-ser', antes ser, singularmente e forte. Para se ter uma ideia disso, imaginem a mobilização da guerra moderna [...]. O Guerreiro aplicado é a destituição subjetiva na sua salubridade”.

Para terminar, sem concluir, é possível dizer que o trabalho de leitura do Mais-um não se limita aos textos. Também terá que funcionar em relação à enunciação dos integrantes do cartel, para que as elaborações sejam efetivas. Lembremos que Lacan retomou em parte a experiência de Bion⁴ situando, ainda, a importância da “legibilidade” - movimento que vai da dificuldade da unidade do grupo à produção de sujeitos divididos, reenviados à sua questão íntima, o que não é possível sem a mediação da interpretação. Portanto, provocação, leitura e interpretação fazem parte da dinâmica do trabalho de Mais-Um, que precisa operar, como nos lembra Jésus Santiago⁵, um pouco histérico e um pouco analista.

¹Miller, J-A: “A invenção do delírio”. *Opção lacaniana on line* n. 05
<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/textob.asp>

²Miller, J-A: “El triunfo de Jacques Lacan”. *Introducción a la clínica lacaniana, Conferencias en España*, ELP, Barcelona, 2006.

³Seynhaeve, B. “Guerreiro aplicado e destituição subjetiva”. *Correio*, n. 64, EBP, nov.2009.

⁴Lacan, J. “A psiquiatria inglesa e a guerra”. *Outros Escritos*, JZE, 2003.

⁵Notas da conferência de Jésus Santiago “Psicanálise e laço social: sobre o sonho no tratamento analítico do sintoma”, inédito, Jornada de Cartéis da EBP-SP 2011.

Jornadas

XVI Jornada de Cartéis da EBP-Minas Geras *O dispositivo do cartel na Escola*

Convidado internacional

Ricardo Seldes

AME, Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL)
e da Associação Mundial de Psicanálise

27 de agosto de 2011

Sede da EBP-MG

Rua Felipe dos Santos, 588

Bairro de Lourdes - Belo Horizonte

Jornada de Cartéis da EBP-Rio de Janeiro *A prática lacaniana no Século XXI A psicanálise verdadeira, e a falsa.*

Convidada

Nora Gonçalves

AME, Membro da EBP e da Associação Mundial de Psicanálise

17 de setembro de 2011
Sede da EBP-RJ
Rua: Capistrano de Abreu, 14
Botafogo. Rio de Janeiro
Informações: Secretaria da EBP-RJ
(21) 2539-0960 ebprio@ebprio.com.br

Dobradiça - Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP. Ano I. Número 01. Agosto de 2011

Comissão Editorial: Ondina Machado (Diretora Secretária da EBP), Cristiana Pittella de Mattos, Elza Freitas, Heloisa Prado R. S. Telles, Marcia Zucchi, Paola Salinas.

4+1=EBP em cartéis: Responsabilidade das Diretorias de Intercâmbio e Cartéis das Seções e Responsáveis pelos Cartéis nas Delegações. Neste número, contamos com a colaboração da Diretoria de Intercâmbio e Cartéis da EBP-São Paulo.

Giro do cartel na AMP: textos traduzidos por Marcia Zucchi, com revisão de Paola Salinas

Imagem: *Um Cartel*, Gisèle Gonin, óleo sobre tela, 0,70 m x 1.40 m, 2011

Contato Comissão Editorial: helotelles@uol.com.br